O INCONSCIENTE (1915)

TÍTULO ORIGINAL: "DAS UNBEWUSSTE".
PUBLICADO PRIMEIRAMENTE EM
INTERNATIONALE ZEITSCHRIFT FÜR ÄRZTLICHE PSYCHOANALYSE [REVISTA INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE MÉDICA],
V. 3, N. 4, PP. 189-203, E N. 5, PP. 257-69.
TRADUZIDO DE *GESAMMELTE WERKE* X,
PP. 264-303; TAMBÉM SE ACHA
EM *STUDIENAUSGABE* III, PP. 119-73.

Aprendemos, com a psicanálise, que a essência do processo de repressão não consiste em eliminar, anular a ideia que representa o instinto,* mas em impedir que ela se torne consciente. Dizemos então que se acha em estado de "inconsciente", e podemos oferecer boas provas de que também inconscientemente ela pode produzir efeitos, inclusive aqueles que afinal atingem a consciência. Tudo que é reprimido tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente.

De que forma podemos chegar ao conhecimento do inconsciente? É claro que o conhecemos apenas enquanto consciente, depois que experimentou uma transposição ou tradução em algo consciente. Diariamente o trabalho psicanalítico nos traz a experiência de que é possível uma tal tradução. Isso requer que o analisando supere determinadas resistências, as mesmas que outrora, rejeitando-o do consciente, transformaram um dado material em reprimido.

I. JUSTIFICAÇÃO DO INCONSCIENTE

O direito de supor uma psique inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa hipótese nos é contestado de muitos lados. A isso podemos replicar que a suposição do inconsciente é *necessária* e *legítima*, e que possuímos várias *provas* da existência do inconsciente. Ela é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos, de que a consciência não dá testemunho. Esses atos não são apenas as ações falhas e os sonhos dos indivíduos sadios, e tudo o que é chamado de sintomas e fenômenos obsessivos na psique dos doentes — nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece

oculta para nós. Todos esses atos conscientes permanecem desconexos e incompreensíveis se insistimos na pretensão de que através da consciência experimentamos tudo o que nos sucede em matéria de atos psíquicos, mas se inscrevem numa coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos. Um ganho em sentido e coerência é motivo plenamente justificado para irmos além da experiência imediata. Se além disso pudermos edificar, sobre a hipótese do inconsciente, uma prática bem-sucedida, mediante a qual influímos no curso dos processos conscientes, teremos neste sucesso uma prova indiscutível da existência daquilo suposto. Então será preciso adotar o ponto de vista de que é uma *pretensão insustentável* exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência.

Podemos avançar um pouco e alegar, em favor de um estado psíquico inconsciente, que a cada instante a consciência abrange apenas um conteúdo mínimo, de sorte que a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo, ou seja, em um estado de inconsciência psíquica. Contradizer o inconsciente seria, em vista de todas as nossas lembranças latentes, algo inteiramente inconcebível. Deparamos, em seguida, com a objeção de que essas recordações latentes já não podem ser chamadas de psíquicas, mas correspondem a vestígios de processos somáticos, a partir dos quais o psíquico pode novamente surgir. Não é difícil replicar que a lembrança latente é, pelo contrário, um indubitável resto de um processo psíquico. Mais importante, porém, é ter claro que a objeção se baseia na equiparação — tácita, mas de antemão estabelecida — do consciente ao psíquico. Tal equiparação é ou uma *petitio principii*, que não admite questionar se tudo psíquico tem de ser também consciente, ou um caso de convenção, de nomenclatura. Tendo este segundo caráter, ela é naturalmente irrefutável, como toda convenção. Resta então perguntar se ela é útil e adequada o bastante para que tenhamos de aceitá-la. Podemos responder que a identificação convencional entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada. Ela rompe as continuidades psíquicas, nos

precipita nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, fica aberta à crítica de superestimar sem fundamentação razoável o papel da consciência, e nos obriga a deixar o âmbito da pesquisa psicológica, sem nos trazer compensação de outros campos.

De todo modo é claro que essa questão, de saber se os incontestáveis estados latentes da vida psíquica devem ser concebidos como estados psíquicos inconscientes* ou como físicos, ameaça redundar numa disputa de palavras. Daí ser aconselhável pôr em primeiro plano aquilo que sabemos com certeza sobre a natureza desses estados. Quanto a suas características físicas, eles nos são completamente inacessíveis; nenhuma concepção** fisiológica, nenhum processo químico pode nos dar ideia de sua essência. Por outro lado se verifica que eles mantêm o mais amplo contato com os processos psíquicos conscientes; mediante um certo trabalho podem se transformar neles, serem substituídos por eles, e se deixam descrever com todas as categorias que aplicamos aos atos anímicos conscientes, tais como representações, decisões, aspirações etc. Mais ainda, de muitos desses estados devemos dizer que se diferenciam dos conscientes apenas pela falta da consciência. Logo, não hesitaremos em tratá-los como objetos da investigação psicológica, em íntima relação com os atos anímicos conscientes.

A tenaz rejeição do caráter psíquico dos atos anímicos latentes se explica pelo fato de a maioria dos fenômenos considerados não haver se tornado objeto de estudo fora da psicanálise. Quem não conhece os fatos patológicos, vê como casuais os lapsos das pessoas normais e se limita à velha sabedoria de que "os sonhos são espumas" [*Träume sind Schäume*], precisa apenas negligenciar mais alguns enigmas da psicologia da consciência para se poupar a hipótese de uma atividade anímica inconsciente. As experiências hipnóticas, aliás, especialmente a sugestão pós-hipnótica, demonstraram de modo tangível a existência e maneira de operar do inconsciente psíquico, antes mesmo da época da psicanálise.

A hipótese do inconsciente é também inteiramente *legítima*, na medida em que, ao adotá-la, não nos afastamos um passo da maneira de pensar que para nós é habitual e tida como correta. A consciência proporciona a cada um de nós apenas o conhecimento dos próprios estados d'alma; que um outro ser humano tenha consciência é uma conclusão que se tira *per analogiam*, com base nas manifestações e nos atos que percebemos desse outro, para nos tornar compreensível o seu comportamento. (Psicologicamente mais correto seria talvez afirmar que sem maior reflexão nós atribuímos, a cada outro indivíduo, nossa própria constituição e também nossa consciência, e que tal identificação é o pressuposto de nossa compreensão.) Essa conclusão — ou identificação — foi outrora estendida, pelo Eu, aos outros seres humanos, animais, plantas, às coisas inanimadas e à totalidade do mundo, e se revelou útil enquanto a similitude com o Eu individual foi preponderante, mas tornou-se menos confiável à medida que o "outro" se distanciou do Eu. Atualmente nossa reflexão crítica já é insegura quanto à consciência dos animais, recusa-se a admiti-la nas plantas e deixa para o misticismo a hipótese de uma consciência do que é inanimado. Mas também onde a tendência original à identificação passou pelo exame crítico, no caso de o "outro" ser um humano próximo, a suposição de uma consciência baseia-se numa inferência, e não pode partilhar a imediata certeza de nossa própria consciência.

Ora, a psicanálise exige apenas que esse método de inferência* se volte também para a própria pessoa — algo para o qual não existe, claro, uma tendência constitucional. Assim fazendo, será preciso dizer que todos os atos e manifestações que em mim percebo, e que não sei ligar ao restante de minha vida psíquica, têm de ser julgados como se pertencessem a uma outra pessoa, e devem achar esclarecimento por uma vida anímica que se atribua a esta pessoa. A experiência também mostra que sabemos interpretar nos outros, isto é, integrar no seu contexto anímico os mesmos atos a que negamos reconhecimento psíquico em nossa própria pessoa. Evidentemente, um obstáculo especial

desvia nossa investigação da própria pessoa, impedindo que realmente a conheçamos.

Esse método de inferência, aplicado sobre a própria pessoa apesar de oposição interna, não leva à descoberta de um inconsciente, e sim, mais corretamente, à suposição de uma outra, uma segunda consciência, que em minha pessoa se acha unida com a que me é conhecida. Mas nisso a crítica tem justa oportunidade de fazer objeções. Primeiro, uma consciência da qual o próprio portador nada sabe é algo diferente de uma consciência alheia, e pode-se perguntar se uma tal consciência, a que falta a mais importante característica, merece de fato uma discussão. Quem se rebelou contra a hipótese de uma psique inconsciente não ficará satisfeito em trocá-la por uma *consciência inconsciente*. Em segundo lugar, a análise indica que cada um dos processos anímicos latentes que inferimos goza de um alto grau de independência, como se não estivesse em ligação com os demais e nada soubesse deles. Devemos então estar preparados para supor em nós uma segunda consciência, mas também uma terceira, quarta, talvez uma série interminável de estados de consciência, todos desconhecidos para nós e entre si. Em terceiro lugar vem, como o argumento de maior peso, a consideração de que através da pesquisa analítica sabemos que uma parte desses processos latentes possui características e peculiaridades que nos parecem estranhas, mesmo incríveis, e que contrariam diretamente os atributos da consciência que nos são conhecidos. Assim teremos razão para modificar a inferência sobre nossa própria pessoa: ela não demonstra uma segunda consciência em nós, mas sim a existência de atos psíquicos privados de consciência. Também a designação de "subconsciência" poderemos rejeitar, por ser incorreta e enganadora. Os conhecidos casos de "*double conscience*" (cisão da consciência)* nada provam contra a nossa concepção. Eles podem ser descritos, da maneira mais pertinente, como casos de cisão das atividades anímicas em dois grupos, sendo que então a mesma consciência volta-se alternadamente para um ou para o outro.

Na psicanálise só nos resta declarar os processos anímicos em si como inconscientes e comparar sua percepção pela consciência à percepção do mundo externo pelos órgãos dos sentidos. Esperamos inclusive que essa comparação seja proveitosa para o nosso conhecimento. A suposição psicanalítica da atividade anímica inconsciente nos parece, por um lado, um desenvolvimento ulterior do animismo primitivo, que em tudo nos fazia ver imagens fiéis de nossa consciência, e por outro lado o prosseguimento da retificação, empreendida por Kant, de nosso modo de conceber a percepção externa. Assim como Kant nos alertou para não ignorar o condicionamento subjetivo de nossa percepção e não tomá-la como idêntica ao percebido incognoscível, a psicanálise adverte para não se colocar a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente, que é o objeto desta percepção. Tal como o físico, também o psíquico não precisa, na realidade, ser como nos aparece. Mas teremos a satisfação de verificar que a retificação da percepção interna não apresenta dificuldade tão grande como a da externa, que o objeto interno é menos incognoscível que o mundo exterior.

II. A PLURALIDADE DE SENTIDOS DO INCONSCIENTE E O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO

Antes de prosseguir, constatemos o fato importante, e também embaraçoso, de que a inconsciência é apenas um traço distintivo do psíquico, que de modo algum basta para a sua caracterização. Existem atos psíquicos de valor bem diverso, que no entanto coincidem na característica de serem inconscientes. Por um lado, o inconsciente abrange atos que são apenas latentes, temporariamente inconscientes, mas que de resto não se diferenciam em nada dos conscientes, e,

por outro lado, processos como os reprimidos, que, caso se tornassem conscientes, contrastariam da maneira mais crua com os restantes conscientes. Para pôr fim a todos os mal-entendidos, seria bom abstrair totalmente, na descrição dos variados atos psíquicos, do fato de serem conscientes ou inconscientes, e classificá-los apenas segundo sua relação com os instintos e metas, segundo sua composição e inclusão nos sistemas psíquicos superpostos uns aos outros. Mas isso é impraticável por razões diversas, e assim não podemos escapar à ambiguidade de utilizar os termos "consciente" e "inconsciente" ora num sentido descritivo, ora sistemático, quando então significam inclusão em determinados sistemas e posse de certos atributos. Poderíamos também fazer a tentativa de evitar a confusão designando os sistemas psíquicos reconhecidos com nomes tomados arbitrariamente, que não aludissem à qualidade de ser consciente. Mas teríamos antes que justificar em que baseamos a diferenciação dos sistemas, e nisso não poderíamos contornar a qualidade de ser consciente, pois ela constitui o ponto de partida de todas as nossas investigações. Talvez possamos buscar socorro na sugestão de, ao menos na escrita, substituir "consciência" pela abreviatura *Cs* e "inconsciente" por *Ics*, ao usar as duas palavras no sentido sistemático.

De maneira positiva, enunciemos agora, como resultado da psicanálise, que um ato psíquico passa geralmente por duas fases em relação ao seu estado, entre as quais se coloca uma espécie de exame (*censura*). Na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema *Ics*; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase; então ele é "reprimido" e tem que permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema *Cs*. Mas essa participação não chega a determinar inequivocamente a sua relação com a consciência. Ela ainda não é consciente, mas *capaz de consciência* (na expressão de J. Breuer), isto é, pode então, dadas certas condições, tornar-se objeto da consciência sem maior resistência. Tendo em vista essa capacidade de

consciência, chamamos o sistema *Cs* também de "*pré-consciente*". Se ocorrer que também o tornar-se consciente do pré-consciente seja codeterminado por uma certa censura, então discriminaremos de modo mais rigoroso os sistemas *Pcs* e *Cs*. Por enquanto basta ter em mente que o sistema *Pcs* partilha as propriedades do sistema *Cs* e que a censura rigorosa cumpre seu papel na passagem do *Ics* para o *Pcs*.

Ao admitir esses dois (ou três) sistemas psíquicos, a psicanálise distanciou-se mais um passo da psicologia descritiva da consciência, atribuindo-se uma nova colocação de problemas e um novo conteúdo. Até então ela se diferenciava da psicologia sobretudo pela concepção *dinâmica* dos processos anímicos; agora ela pretende considerar igualmente a *topologia* da psique,* e indicar, acerca de um ato psíquico qualquer, no interior de qual sistema ou entre quais sistemas ele se passa. Em virtude desse empenho, deram-lhe também o nome de "*psicologia das profundezas*". Veremos que ela pode enriquecer-se ainda com uma outra perspectiva.

Se vamos lidar seriamente com uma topologia dos atos anímicos, temos que dirigir nosso interesse para uma dúvida que se apresenta neste ponto. Se um ato psíquico (limitemo-nos, aqui, a um que tenha a natureza de uma ideia)* é transposto do sistema *Ics* para o sistema *Cs* (ou *Pcs*), devemos supor que a essa transposição se liga uma nova fixação, como que um segundo registro da ideia em questão, que então pode estar contido também numa nova localidade psíquica, e junto ao qual continua a existir o registro inconsciente original? Ou devemos antes acreditar que a transposição consiste numa mudança de estado, que se produz no mesmo material e na mesma localidade? Essa questão pode parecer abstrusa, mas tem de ser levantada, se quisermos formar da topologia psíquica, da dimensão psíquica profunda, uma ideia mais definida. Ela é difícil, porque ultrapassa o puramente psicológico e toca nas relações entre o aparelho psíquico e a anatomia. Sabemos, de modo pouco preciso, que tais relações existem. Um inabalável resultado da pesquisa é que a atividade anímica se

encontra mais ligada à função do cérebro do que a qualquer outro órgão. Um pouco adiante — não se sabe quanto — leva-nos à descoberta da importância desigual das partes do cérebro e suas relações especiais com determinadas partes do corpo e atividades espirituais. Mas fracassaram radicalmente todas as tentativas de a partir disso encontrar uma localização para os processos anímicos, todos os esforços de pensar nas ideias como se fossem armazenadas em células nervosas e nas excitações como se vagassem pelas fibras dos nervos. O mesmo destino estaria reservado para uma teoria que, digamos, acreditasse reconhecer no córtex cerebral o lugar anatômico do sistema *Cs*, da atividade psíquica consciente, e quisesse localizar os processos inconscientes nas zonas subcorticais do cérebro. Aqui se abre uma lacuna que no momento não pode ser preenchida; e tampouco é tarefa da psicologia preenchê-la. *Provisoriamente*, nossa topologia psíquica nada tem a ver com a anatomia; ela se refere a regiões do aparelho psíquico, onde quer que se situem no corpo, e não a locais anatômicos.

Neste aspecto nosso trabalho é livre, então, e pode proceder de acordo com suas próprias necessidades. Também será útil lembrar que nossas hipóteses reivindicam apenas, em princípio, o valor de ilustrações. A primeira das duas possibilidades consideradas, a de que a fase *Cs* da ideia significa um novo registro da mesma, encontrável em outro lugar, é indubitavelmente a mais grosseira delas, mas também a mais cômoda. A segunda hipótese, de uma mudança de estado apenas *funcional*, é de antemão a mais provável, mas é menos plástica, mais difícil de manipular. Ligada à primeira, à hipótese topográfica, acha-se aquela de uma separação topográfica dos sistemas *Ics* e *Cs*, e a possibilidade de uma ideia existir simultaneamente em dois lugares do aparelho psíquico, e mesmo de que, não sendo inibida pela censura, avance regularmente de um lugar para o outro, eventualmente sem perder o seu primeiro assento ou registro. Isso talvez pareça estranho, mas pode se apoiar em impressões da prática psicanalítica.

Se comunicamos a um paciente uma ideia que ele reprimiu num dado momento e que descobrimos, num primeiro instante isso nada muda em seu estado psíquico. Principalmente, não suprime a repressão nem desfaz suas consequências, como talvez se esperasse do fato de a ideia antes inconsciente haver se tornado consciente. Pelo contrário, de início obteremos tão só uma nova rejeição da ideia reprimida. Mas agora o paciente tem de fato a mesma ideia em dupla forma, em lugares diferentes de seu aparelho psíquico: primeiro tem a lembrança consciente do traço auditivo da ideia, através da comunicação; e também traz consigo, como sabemos com certeza, a memória inconsciente do vivido, em sua forma anterior. Na realidade, a repressão não é suprimida enquanto a ideia consciente, após a superação das resistências, não entrou em ligação com o traço de memória inconsciente. Apenas tornando consciente esta última se alcança o êxito. Assim pareceria demonstrado, para a consideração superficial, que ideias conscientes e inconscientes são registros diferentes, topograficamente separados, do mesmo conteúdo. Mas uma reflexão posterior mostra que é apenas aparente a identidade entre a comunicação e a lembrança reprimida do paciente. Ter ouvido e ter vivido são coisas bem diversas em sua natureza psicológica, mesmo quando têm o mesmo conteúdo.

Portanto, no momento não somos capazes de decidir entre as duas possibilidades discutidas. Talvez ainda encontremos fatores que façam pender a balança para uma delas. Talvez nos aguarde a descoberta de que nossa colocação do problema foi insatisfatória, e que a distinção entre a ideia consciente e a inconsciente deve ser determinada de modo inteiramente diverso.

III. SENTIMENTOS INCONSCIENTES

Restringimos a discussão anterior às ideias e agora podemos lançar uma nova questão, cuja resposta contribuirá para esclarecer nossos pontos de vista teóricos. Dissemos que existem ideias conscientes e inconscientes; mas haveria também impulsos,* sentimentos, percepções inconscientes, ou neste caso combinações assim não fariam sentido?

De fato, creio que a oposição de consciente e inconsciente não se aplica aos instintos. Um instinto não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que o representa. Mas também no inconsciente ele não pode ser representado senão pela ideia. Se o instinto não se prendesse a uma ideia ou não aparecesse como um estado afetivo, nada poderíamos saber sobre ele. Mas se, no entanto, falamos de um impulso inconsciente ou um impulso reprimido, trata-se de uma inócua negligência de expressão. Só podemos estar nos referindo a um impulso cujo representante ideativo* é inconsciente, pois outra coisa não poderia entrar em consideração.

Deveríamos pensar que a resposta à questão sobre os afetos, sentimentos, sensações inconscientes, é igualmente fácil. Pois é da natureza de um sentimento que ele seja sentido, isto é, que se torne conhecido da consciência. A possibilidade de inconsciência se excluiria totalmente no caso de sentimentos, sensações, afetos. Mas na prática psicanalítica estamos acostumados a falar de amor, ódio, raiva etc. inconscientes, e vemos como inevitável até mesmo a insólita junção "consciência de culpa inconsciente"** ou a paradoxal "angústia inconsciente". Esse modo de falar tem maior significado do que no caso de "instinto inconsciente"?

Aqui a coisa é realmente outra. Pode primeiramente suceder que um impulso afetivo ou emocional seja percebido, mas de forma equivocada. Ele é obrigado, devido à repressão de sua verdadeira representação, a unir-se com outra ideia, e passa a ser tido, pela consciência, como manifestação dessa última. Se restabelecemos o vínculo correto, chamamos o impulso afetivo original de "inconsciente", embora seu afeto jamais tenha sido inconsciente, apenas sua ideia sucumbiu à repressão. O uso das expressões "afeto

inconsciente” e “emoção inconsciente” remete aos destinos do fator quantitativo do impulso instintual, em consequência da repressão (ver o ensaio sobre a repressão). Sabemos que esses destinos podem ser três: ou o afeto continua como é, no todo ou em parte; ou se transforma num montante de afeto qualitativamente diferente, sobretudo em angústia; ou é suprimido, ou seja, seu desenvolvimento é interrompido. (É talvez mais fácil estudar essas possibilidades no trabalho do sonho do que nas neuroses.) Sabemos, além disso, que a supressão do desenvolvimento do afeto é o verdadeiro objetivo da repressão, e que o trabalho desta permanece inconcluso se esse objetivo não é alcançado. Em todos os casos em que a repressão consegue inibir o desenvolvimento do afeto, chamamos de “inconscientes” os afetos que reinstauramos ao corrigir o trabalho da repressão. Assim, não se pode negar a coerência desse modo de falar; mas existe, em relação à ideia inconsciente, a importante diferença de que esta, após a repressão, continua existindo como formação real no sistema *Ics*, enquanto ao afeto inconsciente corresponde, no mesmo lugar, apenas uma possibilidade incipiente, que não pôde se desenvolver. A rigor, e embora esse modo de falar continue sendo irrepreensível, não existem afetos inconscientes tal como existem ideias inconscientes. Mas bem pode haver, no sistema *Ics*, formações afetivas que, como outras, tornam-se conscientes. Toda a diferença vem de que ideias são investimentos — de traços mnemônicos, no fundo —, enquanto os afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações. No estado atual de nosso conhecimento dos afetos e sentimentos não somos capazes de exprimir essa diferença de modo mais claro.

A constatação de que a repressão pode impedir que o impulso instintual se transforme em exteriorização de afeto é de especial interesse para nós. Mostra-nos que o sistema *Cs* normalmente governa tanto a afetividade como o acesso à motilidade e realça o valor da repressão, indicando, entre as consequências desta, não só que ela mantém algo longe da consciência, mas que também impede o desenvolvimento do afeto e o desencadeamento da atividade muscular.

Também é possível dizer, de modo inverso, que, na medida em que o sistema *Cs* controla a afetividade e a motilidade, chamamos de normal o estado psíquico do indivíduo. No entanto, há uma inegável diferença na relação entre o sistema dominante e as duas ações vizinhas de descarga.[1] Enquanto o domínio do *Cs* sobre a motilidade voluntária é firmemente estabelecido, resiste regularmente ao assalto da neurose e apenas na psicose desmorona, o controle do desenvolvimento dos afetos pelo *Cs* é menos firme. Mesmo no interior da vida normal percebe-se uma constante luta entre os sistemas *Cs* e *Ics* pela primazia sobre a afetividade, certas esferas de influência delimitam umas às outras e ocorrem misturas entre as forças operantes.

A importância do sistema *Cs* (*Pcs*) para o acesso à liberação de afeto e à ação também nos torna compreensível o papel que toca às ideias substitutivas na configuração da doença. É possível que o desenvolvimento do afeto proceda diretamente do sistema *Ics*; nesse caso tem sempre o caráter da angústia, pela qual são trocados todos os afetos "reprimidos". Mas frequentemente o impulso instintual tem que esperar até achar uma ideia substitutiva no sistema *Cs*. Então o desenvolvimento do afeto é possibilitado a partir desse substituto consciente, e o caráter qualitativo do afeto é determinado pela natureza dele. Afirmamos que na repressão o afeto se separa de sua ideia, e depois os dois prosseguem para seus diferentes destinos. Em termos descritivos isso é indiscutível; via de regra, porém, o processo real é que um afeto não surge enquanto não é conseguida uma nova representação no sistema *Cs*.

IV. TOPOLOGIA E DINÂMICA DA REPRESSÃO

Chegamos ao resultado de que a repressão é, no essencial, um processo que se verifica em ideias na fronteira dos sistemas *Ics* e *Pcs* (*Cs*), e agora podemos

fazer uma nova tentativa de descrever mais detalhadamente esse processo. Deve se tratar de uma *retirada* de investimento, mas pergunta-se em qual sistema ocorre a retirada e a qual sistema pertence o investimento retirado.

A ideia reprimida permanece capaz de ação no *Ics*; deve ter conservado seu investimento, portanto. O que foi retirado deve ser outra coisa. Se tomamos o caso da repressão propriamente dita (a "pós-repressão"),* tal como se dá na ideia pré-consciente ou mesmo já consciente, a repressão pode consistir apenas em que é retirada à ideia o investimento (pré)consciente que pertence ao sistema *Pcs*. A ideia permanece não investida, então, ou recebe investimento do *Ics*, ou conserva o investimento *ics* que já possuía antes. Logo, há retirada do investimento pré-consciente, manutenção do inconsciente ou substituição do investimento pré-consciente por um inconsciente. Notamos, aliás, que como por descuido baseamos essas considerações na hipótese de que a passagem do sistema *Ics* para o seguinte não ocorre por um novo registro, mas por uma mudança de estado, uma modificação do investimento. Aqui a hipótese funcional tirou de cena a topológica, sem maior esforço.

Mas esse processo de retirada de libido não basta para fazer mais compreensível uma outra característica da repressão. Não está claro por que a ideia que permaneceu investida ou foi dotada de investimento a partir do *Ics* não deveria renovar a tentativa de, por força desse investimento, penetrar no sistema *Pcs*. Então a retirada de libido teria que se repetir nela, e o mesmo jogo prosseguiria indefinidamente, mas o resultado não seria a repressão. Do mesmo modo, o referido mecanismo de retirada de investimento pré-consciente falharia, em se tratando de descrever a repressão primordial; neste caso se depara com uma ideia inconsciente, que ainda não recebeu investimento do *Pcs*, e à qual ele não pode ser retirado, portanto.

Temos aqui necessidade, então, de outro processo, que no primeiro caso sustente a repressão, e no segundo cuide da sua produção e continuidade, e só podemos enxergá-lo na suposição de um *contrainvestimento*, através do qual o sistema *Pcs* se proteja do assalto da ideia inconsciente. Como se manifesta um

tal contrainvestimento que tem lugar no sistema *Pcs* é algo que veremos em exemplos clínicos. É ele que representa o gasto permanente de uma repressão primordial, mas que também garante a permanência dela. O contrainvestimento é o único mecanismo da repressão primordial; na repressão propriamente dita (a "pós-repressão") sobrevém a subtração do investimento *Pcs*. É bem possível que precisamente o investimento retirado à ideia seja aplicado no contrainvestimento.

Notamos que pouco a pouco fomos levados a introduzir, na exposição de fenômenos psíquicos, um terceiro ponto de vista, além do dinâmico e do topológico: o *econômico*, que procura acompanhar os destinos das quantidades de excitação e alcançar uma avaliação ao menos relativa dos mesmos. Parece-nos apropriado distinguir com um nome especial o modo de ver as coisas que é a consumação da pesquisa psicanalítica. Proponho que seja denominada *metapsicológica* uma exposição na qual consigamos descrever um processo psíquico em suas relações *dinâmicas*, *topológicas* e *econômicas*. Diga-se de imediato que, no estado atual de nossos conhecimentos, conseguiremos fazê-lo apenas em alguns pontos isolados.

Vamos fazer uma acanhada tentativa de descrição metapsicológica do processo de repressão nas três conhecidas neuroses de transferência. Poderemos aqui substituir "investimento" por "libido", porque se trata, como sabemos, dos destinos dos instintos sexuais.

Na histeria de angústia, uma primeira fase do processo frequentemente não é notada, talvez seja realmente omitida, mas a observação cuidadosa permite reconhecê-la. Ela consiste no surgimento da angústia sem que se perceba o que a desperta. É de supor que no *Ics* havia um impulso de amor*demandava transposição para o sistema *Pcs*; mas o investimento a ele dirigido, vindo desse sistema, recolheu-se como numa tentativa de fuga, e o investimento libidinal inconsciente da ideia rejeitada foi descarregado como angústia. Numa eventual repetição do processo foi dado um primeiro passo para dominar a

desagradável evolução da angústia. O investimento em fuga voltou-se para uma ideia substituta, que por um lado ligava-se associativamente à ideia rejeitada, e por outro lado escapava à repressão por seu distanciamento daquela (*substituto por deslocamento*) e permitia uma racionalização do desenvolvimento da angústia que não se podia inibir. A ideia substituta desempenha então para o sistema *Cs (Pcs)* o papel de um contrainvestimento, ao garanti-lo contra a emergência da ideia reprimida no *Cs*, e por outro lado é, ou age como se fosse, o local de partida para o desencadeamento do afeto de angústia, agora de fato não inibível. A observação clínica mostra que, por exemplo, a criança que sofre de fobia de animal sente angústia em dois tipos de condições: primeiro, quando o impulso amoroso reprimido é intensificado; segundo, quando o animal angustiante é percebido. A ideia substituta se comporta, num caso, como o local de uma transmissão do sistema *Ics* para o sistema *Cs*; no outro, como uma fonte independente que desencadeia a angústia. A expansão do domínio do sistema *Cs* costuma se manifestar no fato de que o primeiro modo de excitação da ideia substituta retrocede cada vez mais diante do segundo. Talvez a criança se comporte, afinal, como se não tivesse afeição alguma pelo pai, tendo se liberado completamente dele, e como se tivesse de fato medo* do animal. Mas esse medo, nutrido da fonte instintual inconsciente, revela-se pertinaz e desmedido face a todas as influências do sistema *Cs*, traindo desse modo sua proveniência do sistema *Ics*.

O contrainvestimento do sistema *Cs* levou portanto à formação substitutiva, na segunda fase da histeria de angústia. Logo o mesmo mecanismo encontra uma nova aplicação. O processo de repressão ainda não terminou, como sabemos, e encontra um outro objetivo na tarefa de inibir o desenvolvimento da angústia a partir do substituto. Isso ocorre desta maneira: tudo o que circunda e está associado à ideia substituta é investido de particular intensidade, de modo a poder demonstrar uma grande sensibilidade à excitação. Uma excitação de qualquer ponto dessa estrutura exterior deve inelutavelmente, graças à conexão com a ideia substituta, dar ocasião a um pequeno

desenvolvimento da angústia, que então é utilizado como sinal para inibir, mediante nova fuga do investimento, o desenvolvimento ulterior da angústia. Quanto mais os contrainvestimentos sensíveis e alertas forem distanciados do substituto temido, mais precisamente poderá funcionar o mecanismo que deve isolar a ideia substituta e dela afastar excitações novas. Naturalmente essas cautelas protegem apenas das excitações que chegam à ideia substituta a partir de fora, mediante a percepção, mas nunca do impulso instintual que alcança a ideia substituta a partir da ligação com a ideia reprimida. Portanto, elas começam a influir apenas quando o substituto assumiu bem a representação do reprimido, e não podem jamais ser inteiramente confiáveis. A cada aumento da excitação instintual, o baluarte de proteção em torno da ideia substituta tem que ser colocado um pouco adiante. Toda essa construção, que de modo análogo é produzida nas outras neuroses, leva o nome de *fobia*. A fuga ante o investimento consciente da ideia substituta se exprime nas renúncias, evitações e proibições em que reconhecemos a histeria de angústia. Olhando todo o processo, pode-se dizer que a terceira fase repetiu em escala maior o trabalho da segunda. O sistema *Ics* protege-se agora da ativação da ideia substituta mediante o contrainvestimento do que a circunda, tal como antes havia se garantido contra a emergência da ideia reprimida mediante o investimento da ideia substituta. Desse modo prosseguiu a formação substitutiva por deslocamento. É preciso acrescentar que antes o sistema *Cs* possuía tão só um pequeno lugar por onde podia irromper o impulso instintual reprimido, ou seja, a ideia substituta, mas que afinal toda a estrutura fóbica exterior corresponde a um tal enclave da influência inconsciente. Além disso podemos sublinhar o ponto de vista interessante de que através do mecanismo de defesa posto em ação foi alcançada uma projeção do perigo instintual para fora. O Eu se comporta como se o perigo do desenvolvimento da angústia não partisse de um impulso instintual, mas de uma percepção, o que lhe permite reagir a esse perigo externo com as tentativas de fuga das evitações fóbicas. Uma coisa a repressão obtém nesse processo: o desencadeamento de angústia pode ser represado em alguma

medida, mas apenas com pesados sacrifícios da liberdade pessoal. Tentativas de fuga ante exigências instintuais são geralmente inúteis, porém, e o resultado da fuga fóbica é sempre insatisfatório.

Boa parte do que encontramos na histeria de angústia vale também para as duas outras neuroses, de maneira que podemos limitar a discussão às diferenças e ao papel da contratransferência. Na histeria de conversão o investimento instintual da ideia reprimida é transformado em inervação do sintoma. Até onde e em que condições a ideia inconsciente é drenada por essa descarga à inervação, de modo a poder abandonar o assédio ao sistema *Cs*, é uma questão que, juntamente com outras semelhantes, será melhor reservar para uma investigação especial da histeria. O papel do contrainvestimento que parte do sistema *Cs (Pcs)* é nítido na histeria de conversão e vem à luz na formação de sintomas. É o contrainvestimento que escolhe em qual parte do representante instintual* pode se concentrar todo o investimento dela. Essa porção eleita para sintoma preenche a condição de exprimir tanto a meta de desejo** do impulso instintual como o esforço de defesa ou castigo do sistema *Cs*; então ela é superinvestida e sustentada por ambos os lados, como a ideia substituta na histeria de angústia. Dessa situação podemos inferir que o dispêndio em repressão do sistema *Cs* não precisa ser tão grande como a energia de investimento do sintoma, pois a intensidade da repressão é medida pelo contrainvestimento aplicado, e o sintoma não se apoia apenas no contrainvestimento, mas também no investimento instintual nele condensado, vindo do sistema *Ics*.

Quanto à neurose obsessiva, acrescentaríamos às observações do ensaio anterior ["A repressão"] que nela aparece em primeiro plano, do modo mais palpável, o contrainvestimento do sistema *Cs*. É ele que se ocupa da primeira repressão, organizado como formação reativa, e é nele que mais tarde sucede a irrupção da ideia reprimida. Pode-se conjecturar que é devido à preponderância do contrainvestimento e à ausência de descarga que a obra da repressão parece muito menos bem-sucedida na histeria de angústia e na neurose obsessiva que na histeria de conversão.

V. AS CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS DO SISTEMA ICS

A distinção entre os dois sistemas psíquicos ganha nova significação se atentarmos para o fato de que os processos de um deles, do *Ics*, mostram características que não se acham naquele imediatamente acima.

O âmago do *Ics* consiste de representantes instintuais que querem descarregar seu investimento, de impulsos de desejo, portanto. Esses impulsos instintuais são coordenados entre si, coexistem sem influência mútua, não contradizem uns aos outros. Quando dois impulsos de desejo são ativados ao mesmo tempo, e suas metas nos parecem claramente incompatíveis, os dois impulsos não subtraem algo um do outro ou eliminam um ao outro, mas concorrem para a formação de um objetivo intermediário, um compromisso.

Nesse sistema não há negação, não há dúvida nem graus de certeza. Tudo isso é trazido apenas pelo trabalho da censura entre *Ics* e *Pcs*. A negação é um substituto da repressão em nível mais alto. No *Ics* existem apenas conteúdos mais ou menos fortemente investidos.

Há uma mobilidade bem maior das intensidades de investimento. Pelo processo de *deslocamento* uma ideia pode ceder a outra todo o seu montante de investimento, pelo de *condensação* pode acolher todo o investimento de várias outras. Propus enxergar nesses dois processos indícios do assim chamado processo psíquico primário.* No sistema *Pcs* vigora o *processo secundário*;[2] quando se permite que um tal processo primário ocorra em elementos do sistema *Pcs*, ele se mostra "cômico" e provoca risos.

Os processos do sistema *Ics* são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação

nenhuma com o tempo. A referência ao tempo também se acha ligada ao trabalho do sistema *Cs*.

Os processos do *Ics* tampouco levam em consideração a *realidade*. São sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas de sua intensidade e de cumprirem ou não as exigências da regulação prazer-desprazer.

Vamos resumir: *ausência de contradição*, *processo primário* (mobilidade dos investimentos), *atemporalidade* e *substituição da realidade externa pela psíquica* são as características que podemos esperar encontrar nos processos do sistema *Ics*.[3]

Os processos inconscientes tornam-se cognoscíveis para nós apenas nas condições do sonho e das neuroses, ou seja, quando processos do mais elevado sistema *Pcs* são transpostos para um estágio anterior mediante um rebaixamento (regressão). Em si eles são incognoscíveis, e também incapazes de existência, porque ao sistema *Ics* se sobrepõe bastante cedo o *Pcs*, que se apoderou do acesso à consciência e à motilidade. A descarga do sistema *Ics* passa para a inervação somática, levando ao desenvolvimento do afeto, mas, como vimos, mesmo essa via de escoamento é contestada pelo *Pcs*. Apenas por si o sistema *Pcs*, em circunstâncias normais, não poderia realizar nenhuma ação muscular apropriada, com exceção daquelas já organizadas como reflexos.

A plena significação dessas características do sistema *Ics* só se tornaria clara para nós se pudéssemos contrapô-las aos atributos do sistema *Pcs* e compará-las a estes. Mas isso nos levaria tão longe que mais uma vez proponho concordarmos num adiamento e fazermos a comparação dos dois sistemas apenas quando da apreciação daquele mais elevado. Só o que é mais premente deverá ser agora mencionado.

Os processos do sistema *Pcs* mostram — e isso não importando se são já conscientes ou apenas capazes de consciência — uma inibição da tendência das ideias investidas à descarga. Quando um processo passa de uma ideia a outra, a primeira retém parte de seu investimento e só uma pequena parcela sofre deslocamento. Tal como no processo primário, deslocamentos e condensações são

excluídos ou muito limitados. Isso levou Joseph Breuer a supor dois diferentes estados de energia de investimento na psique, um tônico, vinculado, e outro livremente móvel, tendente à descarga. Acho que essa distinção representa, até agora, nossa mais profunda percepção da natureza da energia nervosa, e não vejo como se poderia evitá-la. Uma necessidade premente, numa apresentação metapsicológica — mas talvez um empreendimento por demais ousado —, seria prosseguir a discussão desse ponto.

Ao sistema *Pcs* cabem, além disso, o estabelecimento de uma capacidade de comunicação entre os conteúdos das ideias, de maneira que possam influenciar uns aos outros, a ordenação temporal deles, a introdução de uma ou várias censuras, a prova da realidade e o princípio da realidade. Também a memória consciente parece depender inteiramente do *Pcs*; ela deve ser claramente diferenciada dos traços mnemônicos em que se fixam as experiências do *Ics*, e corresponde provavelmente a um registro especial, tal como quisemos supor para a relação da ideia consciente com a inconsciente, mas que rejeitamos. Nisso também acharemos meios de pôr fim à oscilação ao nomear o sistema mais elevado, que agora chamamos indiferentemente de *Pcs* ou de *Cs*.

E será oportuna a advertência de não generalizar apressadamente o que aqui esclarecemos sobre a distribuição das funções psíquicas entre os dois sistemas. Nós descrevemos a situação tal como se mostra no ser humano adulto, no qual o sistema *Pcs*, a rigor, funciona apenas como estágio preliminar da organização mais elevada. O conteúdo e as relações que tem esse sistema durante o desenvolvimento individual, e a significação que lhe cabe nos animais, não devem ser inferidos da nossa descrição, mas sim pesquisados independentemente. Além disso, devemos estar preparados para encontrar, no ser humano, condições patológicas em que os dois sistemas mudam, ou mesmo trocam entre si, tanto o conteúdo como as características.

VI. A COMUNICAÇÃO ENTRE OS DOIS SISTEMAS

Seria errado imaginar que o *Ics* permanece em repouso enquanto o trabalho psíquico é realizado pelo *Pcs*, que o *Ics* é algo acabado, um órgão rudimentar, um resíduo do desenvolvimento. Ou supor que a comunicação entre os dois sistemas se restringe ao ato da repressão, em que o *Pcs* lança ao abismo do *Ics* tudo o que lhe parece perturbador. O *Ics* é, isto sim, algo vivo e capaz de desenvolvimento, e mantém bom número de outras relações com o *Pcs*, entre elas também a de cooperação. É preciso dizer, em suma, que o *Ics* continua nos assim chamados "derivados", que é suscetível aos influxos da vida, influencia constantemente o *Pcs* e até se acha sujeito, por sua vez, a influências por parte do *Pcs*.

O estudo dos derivados do *Ics* irá decepcionar profundamente nossa expectativa de uma divisão pura e esquemática entre os dois sistemas psíquicos. Certamente isso despertará insatisfação com nossos resultados, e provavelmente será usado para questionar o modo como separamos os processos psíquicos. Mas alegaremos que a nossa tarefa consiste em transpor para a teoria os resultados da observação, e que não temos a obrigação de alcançar, já de início, uma teoria bastante polida e recomendável em sua simplicidade. Nós defendemos as suas complicações, na medida em que correspondem à observação, e não perdemos a esperança de justamente por meio delas chegar enfim ao conhecimento de um estado de coisas* que, embora simples em si, possa fazer justiça às complicações da realidade.

Entre os derivados dos impulsos instintuais *ics* do tipo que descrevemos, há alguns que reúnem em si características opostas. Por um lado, são altamente organizados, isentos de contradição, utilizaram todas as aquisições do sistema

Cs e mal se distinguiriam, em nosso julgamento, das formações desse sistema. Por outro lado, são inconscientes e incapazes de tornar-se conscientes. Ou seja, pertencem qualitativamente ao sistema *Pcs*, mas factualmente ao *Ics*. Sua procedência é determinante para seu destino. Devemos compará-los aos mestiços das raças humanas, que no geral semelham os brancos, mas denunciam a origem de cor em algum traço notável e por isso são excluídos da sociedade, não desfrutando os privilégios dos brancos. Dessa natureza são as fantasias dos normais e dos neuróticos, que reconhecemos como estágios preliminares da formação dos sonhos e dos sintomas e que, apesar de sua alta organização, permanecem reprimidas e, como tais, não podem se tornar conscientes. Chegam perto da consciência, não são incomodadas enquanto não possuem um investimento intenso, mas são rejeitadas assim que ultrapassam um certo grau de investimento. Derivados do *Ics* assim altamente organizados são também as formações substitutivas, mas elas conseguem penetrar na consciência devido a uma circunstância favorável como, por exemplo, a união a um contrainvestimento do *Pcs*.

Quando investigarmos mais detidamente, em outro lugar,* as condições para o tornar-se consciente, poderemos solucionar uma parte das dificuldades que aqui surgem. No momento seria útil contrapor, à abordagem desde o *Ics* até aqui adotada, uma outra, a partir da consciência. Para a consciência, a inteira soma dos processos psíquicos aparece como o reino do pré-consciente. Uma parte enorme desse pré-consciente se origina do inconsciente, tem o caráter dos derivados deste e submete-se a uma censura antes de poder se tornar consciente. Uma outra parte do *Pcs* é capaz de consciência, sem censura. Aqui temos uma contradição com uma hipótese anterior. Na abordagem da repressão, vimo-nos obrigados a situar entre os sistemas *Ics* e *Pcs* a censura decisiva no tornar-se consciente. Agora nos parece plausível uma censura entre *Pcs* e *Cs*. Mas convém não enxergar nessa complicação uma dificuldade, e supor, isto sim, que a cada passagem de um sistema para o seguinte e mais elevado, ou seja, a cada progresso para um estágio mais elevado de organização

psíquica, corresponde uma nova censura. No entanto, com isso é eliminada a hipótese de uma contínua renovação dos registros.

A razão de todas essas dificuldades está em que a qualidade de ser consciente, a única característica dos processos psíquicos que nos é dada diretamente, não se presta em absoluto para distinguir os sistemas. Não considerando o fato de o consciente não ser sempre consciente, mas às vezes latente, a observação nos mostrou que muito daquilo que partilha as propriedades do sistema *Pcs* não se torna consciente, e ainda ficamos sabendo que o tornar-se consciente é restringido por determinadas direções de sua atenção.* Portanto, a consciência não tem relação simples nem com os sistemas nem com a repressão. A verdade é que não só o psiquicamente reprimido permanece alheio à consciência, mas também uma parte dos impulsos que governam nosso Eu, ou seja, o mais forte oposto funcional do reprimido. Na medida em que nos esforçamos por uma abordagem metapsicológica da psique, temos que aprender a nos emancipar da importância dada ao sintoma "ser/estar consciente".**

Enquanto ainda nos apegamos a ele, vemos nossas generalizações serem regularmente contrariadas por exceções. Vemos que derivados do *Ics** tornam-se conscientes como formações substitutas e sintomas, via de regra após consideráveis distorções em relação ao inconsciente, mas frequentemente conservando muitas características que solicitam a repressão. Notamos que permanecem inconscientes muitas formações pré-conscientes que, de acordo sua natureza — pensaríamos —, bem poderiam tornar-se conscientes. É provável que nelas prevaleça a mais forte atração do *Ics*. Somos levados a buscar a diferença mais significativa não ali entre o consciente e o pré-consciente, mas entre o pré-consciente e o inconsciente. Na fronteira do *Pcs*, o *ics* é rechaçado pela censura, e derivados dele podem contornar essa censura, organizar-se superiormente, crescer no *Pcs* até atingir certa intensidade no investimento, mas depois de a haver ultrapassado, ao procurar se impor à consciência, são reconhecidos como derivados do *ics* e novamente reprimidos na nova fronteira de

censura entre *Pcs* e *Cs*. Assim, a primeira censura funciona para o *Ics* mesmo; a última, para os derivados *ics* dele. Podemos supor que a censura adiantou-se um tanto no curso do desenvolvimento individual.

No tratamento psicanalítico chegamos à prova incontestável da existência da segunda censura, aquela entre os sistemas *Pcs* e *Cs*. Solicitamos ao paciente que produza numerosos derivados do *Ics*, obrigamo-lo a superar as objeções da censura ao fato de essas formações pré-conscientes se tornarem conscientes e, pela vitória sobre essa censura, abrimos o caminho para a abolição da repressão, que é obra da censura anterior. Acrescentemos a observação de que a existência da censura entre *Pcs* e *Cs* nos lembra que o tornar-se consciente não é um simples ato de percepção, mas provavelmente um *sobreinvestimento* também, um avanço mais na organização psíquica.

Examinemos a comunicação do *Ics* com os outros sistemas, não para constatar algo novo, mas para não ignorar o que tem mais relevo. Nas raízes da atividade instintual os sistemas se comunicam amplamente entre si. Uma parte dos processos estimulados passa pelo *Ics* como por um estágio preparatório e alcança o mais alto desenvolvimento psíquico no *Cs*, enquanto outra parte é retida como *Ics*. Mas o *Ics* é também atingido pelas experiências vindas da percepção externa. Todos os caminhos que levam da percepção para o *Ics* permanecem normalmente livres; apenas os caminhos que do *Ics* levam adiante são submetidos à barreira da repressão.

É muito digno de nota que o *Ics* de um indivíduo possa, contornando o *Cs*, reagir ao *Ics* de outro. Esse fato merece investigação mais aprofundada, em especial para saber se a atividade pré-consciente é aí excluída, mas como descrição é algo incontestável.

O conteúdo do sistema *Pcs* (ou *Cs*) procede em parte da vida instintual (pela mediação do *Ics*) e em parte da percepção. É incerto até que ponto os processos desse sistema influem diretamente sobre o *Ics*; a pesquisa de casos patológicos revela, com frequência, uma quase inacreditável autonomia e impermeabilidade a influências por parte do *Ics*. O que caracteriza a doença é

uma total discordância das tendências, uma absoluta desintegração dos dois sistemas. Mas o tratamento psicanalítico é fundado na influência sobre o *Ics* a partir do *Cs*, mostrando, de toda maneira, que isso, embora trabalhoso, não é algo impossível. Como já dissemos, os derivados do *Ics* que mediam entre os dois sistemas nos preparam o caminho para essa realização. Devemos admitir, porém, que a modificação espontânea do *Ics* por parte do *Cs* é um processo lento e difícil.

A cooperação entre um impulso pré-consciente e um inconsciente, até mesmo fortemente reprimido, pode ocorrer quando há a situação em que o impulso inconsciente é capaz de agir no mesmo sentido de uma das tendências dominantes. Nesse caso é suspensa a repressão; permite-se a atividade reprimida, como reforço daquela pretendida pelo Eu. O inconsciente torna-se conforme ao Eu nessa constelação única, sem que, de resto, algo se modifique em sua repressão. O êxito do *Ics* nessa cooperação é inconfundível; as tendências reforçadas se comportam diferentemente das normais, elas habilitam para uma operação* perfeita e mostram, diante de oposições, uma resistência semelhante à dos sintomas obsessivos, digamos.

O conteúdo do *Ics* pode ser comparado a uma população aborígine da psique. Se no ser humano existem formações psíquicas herdadas, algo análogo ao instinto [*Instinkt*] dos animais, então isso constitui o âmago do *Ics*. Junta-se a isso, mais tarde, o que durante o desenvolvimento infantil é eliminado por ser inutilizável, e que não precisa ser diferente, em sua natureza, daquilo que foi herdado. Uma divisão clara e definitiva no conteúdo dos dois sistemas só se estabelece, via de regra, no momento da puberdade.

VII. A IDENTIFICAÇÃO DO INCONSCIENTE

O que expusemos acima é, provavelmente, tudo o que podemos afirmar sobre o *Ics*, na medida em que recorremos tão só ao conhecimento da vida onírica e das neuroses de transferência. Certamente não é muito, e às vezes dá uma impressão de pouca clareza e desordem; sobretudo, não nos oferece a possibilidade de alinhar o *Ics* num contexto já familiar ou de nele inseri-lo. Somente a análise de uma das afecções que chamamos de psiconeuroses narcísicas pode nos trazer concepções que nos aproximem do enigmático *Ics* ou o tornem tangível, por assim dizer.

Desde um trabalho de Abraham (1908), que o escrupuloso autor reconheceu dever ao meu estímulo, buscamos caracterizar a *dementia praecox* de Kraepelin (esquizofrenia, segundo Bleuler) por seu comportamento ante a oposição Eu-objeto. Nas neuroses de transferência (histeria de angústia, histeria de conversão, neurose obsessiva) nada havia que desse particular relevo a essa oposição. Sabíamos, é verdade, que a frustração relativa ao objeto* traz a irrupção da neurose, e que a neurose implica a renúncia ao objeto real, e também que a libido subtraída ao objeto real retrocede a um objeto fantasiado e dele a um reprimido (introversão). Mas nelas o investimento objetal é mantido com grande energia, e um exame mais cuidadoso do processo de repressão nos levou a admitir que o investimento objetal dentro do sistema *Ics* continua a existir, apesar — ou melhor, por causa — da repressão. Afinal, a capacidade para a transferência, que nessas afecções nós utilizamos para fins terapêuticos, pressupõe um investimento objetal inalterado.

Já na esquizofrenia impôs-se, para nós, a hipótese de que depois do processo de repressão a libido retirada não busca um novo objeto, mas recua para o Eu; ou seja, de que os investimentos objetais são abandonados e um estado primitivo de narcisismo sem objeto é restabelecido. A incapacidade desses pacientes para a transferência — até onde alcança o processo patológico —, a consequente inacessibilidade à terapia, a característica rejeição do mundo externo, o surgimento de sinais de um sobreinvestimento do próprio Eu, o

desfecho na completa apatia, todos esses traços clínicos parecem condizer perfeitamente com a hipótese de um abandono dos investimentos objetais. Quanto à relação entre os dois sistemas psíquicos, todos os observadores notaram que na esquizofrenia se exprime conscientemente muita coisa que nas neuroses de transferência só podemos demonstrar que existem no *Ics*, mediante a psicanálise. Mas não foi possível, ao menos no início, estabelecer uma conexão inteligível entre a relação Eu-objeto e as relações da consciência.

O que procuramos parece apresentar-se da seguinte maneira insuspeitada. Observa-se nos esquizofrênicos, sobretudo nos instrutivos estágios iniciais, um bom número de mudanças na linguagem, das quais algumas merecem ser examinadas de um certo ponto de vista. Frequentemente o modo de expressão é objeto de um cuidado especial, torna-se "rebuscado", "afetado". As frases são formadas com uma peculiar ausência de organização que as torna ininteligíveis para nós, de maneira que consideramos absurdas as manifestações dos doentes. Com frequência, uma relação com órgãos do corpo ou inervações assume o primeiro plano no conteúdo dessas manifestações. A isso podemos acrescentar que, nesses sintomas da esquizofrenia que semelham formações substitutivas histéricas ou neurótico-obsessivas, a relação entre o substituto e o reprimido mostra peculiaridades que nos surpreenderiam nas duas neuroses mencionadas.

O dr. Victor Tausk, de Viena, pôs à minha disposição algumas das observações que fez numa esquizofrenia incipiente, que apresentam a vantagem de a doente mesma ter dado explicação para suas falas. Mostrarei agora, tomando dois de seus exemplos, a concepção que pretendo defender, e não duvido que qualquer observador poderia facilmente produzir tal material em abundância.

Uma das doentes de Tausk, uma garota que foi levada para a clínica após uma briga com seu namorado, queixa-se de que "*os olhos não estão direitos, estão virados*". Isso ela mesma explica, ao fazer, em linguagem coerente, várias recriminações ao namorado. "Ela não o compreende, ele parece diferente a cada vez, é um hipócrita, um *virador de olhos*,* ele virou os olhos dela, agora ela

tem os olhos virados, não são mais seus olhos, agora ela vê o mundo com outros olhos."

As declarações da doente sobre sua frase ininteligível têm o valor de uma análise, pois contêm o equivalente da frase em linguagem compreendida por todos. Ao mesmo tempo, esclarecem a respeito da significação e da gênese da formação de palavras na esquizofrenia. Em concordância com Tausk, quero ressaltar que nesse exemplo a relação com o órgão (o olho) se arvora em representação de todo o conteúdo. A fala esquizofrênica tem aí um traço hipocondríaco, torna-se linguagem *do órgão*.

Outra declaração da mesma paciente: "Ela está em pé na igreja, de repente sente um puxão, tem de *pôr-se em outra posição, como se pusesse alguém, como se fosse posta*".

Segue-se a análise, com novas recriminações ao namorado, "que é ordinário, que também a ela, que era de uma casa fina, ele tornou ordinária. Ele a tornou igual a si, ao fazê-la acreditar que lhe era superior; agora ela se tornou como ele, porque acreditou que se tornaria melhor se ficasse igual a ele. Ele se *colocou falsamente*, agora ela é como ele (identificação!), ele a *colocou em lugar errado*".*

O movimento de "pôr-se em outra posição", observa Tausk, é um modo de representar o termo *verstellen* [pôr no lugar errado] e a identificação com o namorado. Outra vez destaco a predominância, em toda a cadeia de pensamentos, daquele elemento que tem por conteúdo uma inervação corporal (ou antes a sensação dela). Uma histérica teria virado os olhos convulsivamente no primeiro caso, e no segundo teria realmente executado o puxão, em vez de sentir o impulso ou ter a sensação de fazê-lo, e nos dois casos não teria nenhum pensamento consciente, e depois também seria incapaz de manifestá-lo.

Essas duas observações depõem a favor do que chamamos linguagem hipocondríaca ou "do órgão". Mas também — o que nos parece mais importante — nos chamam a atenção para outro fato, que pode ser facilmente apontado nos exemplos reunidos na monografia de Bleuler, por exemplo, e ser expresso

numa fórmula determinada. Na esquizofrenia, as *palavras* são submetidas ao mesmo processo que forma as imagens oníricas a partir dos pensamentos oníricos latentes, que chamamos de *processo psíquico primário*. Elas são condensadas e transferem umas para as outras seus investimentos por inteiro, através do deslocamento. O processo pode ir tão longe que uma única palavra, tornada apta para isso mediante múltiplas relações, assume a representação de toda uma cadeia de pensamentos. Os trabalhos de Bleuler, Jung e seus discípulos fornecem rico material em favor justamente dessa afirmação.[4]

Antes de tirarmos uma conclusão dessas impressões, vamos ainda considerar as diferenças sutis, mas surpreendentes, entre a formação substituta esquizofrênica, de um lado, e a histérica e neurótico-obsessiva, de outro. Num paciente que acompanho atualmente, o mau estado da pele do rosto causou o abandono dos interesses da vida. Ele afirma ter cravos e fundos buracos no rosto, que qualquer pessoa enxerga. A análise demonstra que ele encena* seu complexo da castração em sua pele. Num primeiro instante mexeu sem pena nos seus cravos; tinha grande satisfação em espremê-los, pois nisso saltava fora alguma coisa, explicou. Depois começou a achar que em todo lugar onde havia eliminado um cravo surgia uma cavidade, e recriminou-se bastante por haver estragado para sempre a pele com sua "constante manipulação". É evidente que espremer os cravos, para ele, é um substituto da masturbação. A cavidade que, por sua culpa, surgia então, é o genital feminino, ou seja, o cumprimento da ameaça de castração (ou da fantasia que a representa) provocada pela masturbação. Essa formação substitutiva tem, apesar de seu caráter hipocondríaco, muita semelhança com uma conversão histérica; no entanto, é inevitável a sensação de que aí deve suceder outra coisa, de que uma formação substitutiva como essa não pode ser atribuída a uma histeria, mesmo antes de poder dizer em que se estriba a diferença. Um histérico dificilmente tomará uma cavidade pequena como um poro da pele por símbolo da vagina, que ele geralmente compara com todos os objetos possíveis que encerram um espaço vazio. Achamos também que a multiplicidade de pequenos buracos o impedirá de vê-

los como substituto para o genital feminino. Algo semelhante vale para um jovem paciente sobre o qual, anos atrás, Tausk fez um relato à Sociedade Psicanalítica de Viena. Ele se comportava como um neurótico obsessivo, levava horas fazendo a toalete etc. Mas chamava a atenção o fato de que podia informar sem resistências o significado de suas inibições. Ao calçar as meias, por exemplo, incomodava-o a ideia de que ia afastar os pontos da malha, isto é, revelar os buracos, e cada buraco, para ele, simbolizava a abertura sexual feminina. Também isso é algo que não podemos esperar de um neurótico obsessivo; um desses, observado por Rudolf Reitler, que sofria da mesma demora em calçar as meias, após superar as resistências achou a explicação de que o pé era um símbolo do pênis, a colocação da meia, um ato masturbatório, e ele tinha de constantemente pôr e tirar a meia, em parte para completar o quadro da masturbação, em parte para desfazê-lo.*

Se nos perguntamos o que empresta à formação substitutiva e ao sintoma esquizofrênico esse caráter estranho, compreendemos enfim que é a predominância da referência à palavra sobre a referência à coisa. Entre espremer um cravo e ejacular sêmen há uma semelhança mínima da coisa, e ela é ainda menor entre os inúmeros, pouco profundos poros da pele e a vagina; mas no primeiro caso algo esguicha a cada vez, e no segundo vale, literalmente, a cínica frase que diz: “Um buraco é um buraco”. O que determinou o substituto foi a uniformidade da expressão linguística, não a semelhança das coisas designadas. Quando as duas — palavra e coisa — não coincidem, a formação substitutiva esquizofrênica diverge daquela das neuroses de transferência.

Vamos relacionar essa percepção** à hipótese de que na esquizofrenia os investimentos de objeto são abandonados. Então teremos que fazer uma modificação: o investimento nas representações verbais dos objetos é mantido. Agora o que poderíamos chamar de representação consciente do objeto se decompõe para nós em *representação da palavra* e em *representação da coisa*,* que consiste no investimento, se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados. Acreditamos

saber agora como uma representação consciente se distingue de uma inconsciente. As duas não são, como achávamos, diferentes registros do mesmo conteúdo em diferentes locais psíquicos, e tampouco diferentes condições funcionais de investimento no mesmo local — a representação consciente abrange a representação da coisa mais a da palavra correspondente, e a inconsciente é apenas a representação da coisa. O sistema *Ics* contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetais propriamente ditos; o sistema *Pcs* surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem. São esses sobreinvestimentos, conjecturamos, que levam a uma mais alta organização psíquica e tornam possível a substituição do processo primário pelo processo secundário dominante no *Pcs*. Podemos então dizer precisamente o que a repressão, nas neuroses de transferência, recusa à representação rejeitada: a tradução em palavras que devem permanecer ligadas ao objeto. A representação não colocada em palavras ou o ato psíquico não sobreinvestido permanece então no inconsciente, como algo reprimido.

Seja-me permitido observar que bem cedo já tínhamos a percepção* que hoje nos torna compreensível uma das características mais notáveis da esquizofrenia. Nas últimas páginas de *A interpretação dos sonhos*, publicado em 1900, desenvolvo a tese de que os processos de pensamento, isto é, os atos de investimento mais afastados das percepções, não têm qualidades e são inconscientes em si, e apenas ligando-se aos resíduos das percepções de palavras obtêm a capacidade de se tornar conscientes. Por sua vez, as representações verbais procedem da percepção dos sentidos, assim como as representações de coisas, de modo que caberia perguntar por que as representações de objetos não podem se tornar conscientes através de seus próprios resíduos de percepções. Mas provavelmente o pensar ocorre em sistemas afastados dos originais resíduos de percepções, de modo que nada mais conservaram das qualidades desses, e precisam ser reforçados com novas qualidades para se tornar conscientes. Além

disso, mediante a ligação com palavras podem ser dotados de qualidades também os investimentos que não puderam trazer nenhuma qualidade das percepções, por corresponderem apenas a relações entre as representações de objeto. Tais relações, tornadas apreensíveis apenas mediante palavras, são um componente capital de nossos processos de pensamento. Compreendemos que a ligação com representações verbais ainda não coincide com o tornar-se consciente, e apenas fornece a possibilidade para isso, ou seja, que não caracteriza nenhum outro sistema senão o *Pcs*. Mas agora notamos que essa discussão nos afastou de nosso tema propriamente dito e nos deixou em meio aos problemas relativos ao pré-consciente e ao consciente, que seria adequado tratarmos separadamente.

Quanto à esquizofrenia, que aqui abordamos apenas na medida em que nos parece indispensável para um conhecimento geral do *Ics*, temos de nos perguntar se o processo aqui denominado repressão ainda tem algo em comum com a repressão nas neuroses de transferência. A fórmula segundo a qual a repressão é um processo que ocorre entre o sistema *Ics* e o *Pcs* (ou *Cs*), que resulta em manter algo distante da consciência, de toda maneira requer uma mudança, para poder incluir também a *dementia praecox* e outras afecções narcísicas. Mas permanece como traço comum a tentativa de fuga do Eu, que se manifesta na retirada do investimento consciente. E a mais superficial reflexão nos ensina que essa tentativa de fuga, essa fuga do Eu, realiza-se de maneira bem mais profunda e radical nas neuroses narcísicas.

Se na esquizofrenia essa fuga consiste na retirada do investimento instintual dos lugares que representam a inconsciente representação de objeto, pode parecer estranho que a parte da mesma representação de objeto pertencente ao sistema *Pcs* — as representações verbais que a ela correspondem — deva experimentar, ao contrário, um investimento mais intenso. Seria antes de esperar que a representação verbal, sendo a parte pré-consciente, tenha de suportar o primeiro impacto da repressão, e que ela se torne completamente insuscetível de investimento depois que a repressão prosseguiu até as representações de

coisa inconscientes. Isto é, certamente, algo difícil de compreender. A saída que se oferece é o investimento da representação verbal não pertencer ao ato de repressão, mas constituir a primeira das tentativas de restabelecimento ou cura que tão claramente dominam o quadro da esquizofrenia. Esses esforços pretendem reaver os objetos perdidos, e bem pode ser que, com essa intenção, eles tomem o caminho para o objeto através da parte verbal dele, nisso tendo de se contentar com as palavras em vez das coisas, porém. Pois nossa atividade anímica se move, de maneira bastante geral, em duas direções opostas: ou dos instintos, pelo sistema *Pcs*, até o trabalho consciente do pensamento, ou, por incitação de fora, pelo sistema do *Cs* e *Pcs* até os investimentos *ics* do Eu e dos objetos. Este segundo caminho tem de permanecer transitável, apesar da repressão ocorrida, e fica, até certo ponto, aberto aos esforços da neurose para readquirir seus objetos. Quando pensamos abstratamente, corremos o perigo de negligenciar as relações das palavras com as representações de coisa inconscientes, e não se pode negar que então nosso filosofar ganha uma indesejada semelhança, em expressão e conteúdo, com o modo de funcionar* dos esquizofrênicos. Por outro lado, pode-se tentar caracterizar o modo de pensar dos esquizofrênicos dizendo que eles tratam as coisas concretas como se fossem abstratas.

Se nós de fato identificamos o inconsciente e determinamos de forma correta a diferença entre uma representação inconsciente e uma pré-consciente, então nossas pesquisas, a partir de muitos outros pontos, deverão necessariamente remeter a essa percepção.

* "A ideia que representa o instinto": *eine den Trieb repräsentierende Vorstellung*. A tradução de *Vorstellung* por "representação" gera um problema neste ponto, como atestam as versões estrangeiras que assim fazem: *una idea que representa al instinto*, *una representación representante de la pulsión*, *un'idea che rappresenta una pulsione*, *une représentation représentant la pulsion*, idem, idem, *the ideational presentation of an instinct*, *the idea that represents the instinct*. Cf. capítulos

sobre os termos *Vorstellung* e *Trieb*, em *As palavras de Freud*, op. cit. Além daquelas indicadas numa nota a "Os instintos e seus destinos" (p. 59) foram consultadas, ao traduzir o presente ensaio, as seguintes versões estrangeiras: mais duas francesas — uma de J. Laplanche e J.-B. Pontalis, no volume *Métapsychologie*, Paris: Gallimard, 1968; e uma de vários tradutores, suplemento da revista *L'Unebévue*, v. 1, 1992 — e outra inglesa, de Cecil M. Baines, em *Collected papers, v*. iv, Londres: Hogarth Press e Institute of Psycho-Analysis, 1925. Todas são citadas em ordem decrescente de proximidade ao português; havendo mais de uma em determinada língua, em ordem cronológica de publicação.

* "Estados psíquicos inconscientes": *unbewußte seelische Zustände*; inexplicavelmente, tanto a versão de Lopez-Ballesteros como a *Standard* inglesa trazem "conscientes" neste ponto.

** "Concepção": tradução que nessa frase damos a *Vorstellung* — nas versões estrangeiras consultadas: *concepto*, *idea* (contrariando sua própria orientação), *rappresentazione*, *représentation*, idem, idem, *conception*, *concept*.

* "Método de inferência": *Schlußverfahren*. Este é um caso em que as duas palavras que compõem o termo admitem mais de uma versão; daí a maior diversidade nas traduções estrangeiras consultadas: *procedimiento deductivo*, *modo de razonamiento*, *tipo di inferenza*, *procédé d'inférence*, idem, *procédé de déduction*, *method of inference*, *process of inference*.

* A expressão *double conscience* está em francês no original, e o sinônimo entre parênteses é do próprio Freud.

* "Topologia da psique": *psychische Topik*, no original. O termo "tópica", às vezes utilizado em textos e discussões de psicanálise, é uma versão equivocada para o alemão *Topik* (um "falso amigo", como dizem os tradutores), pois em português ele designa o ramo da medicina que se ocupa dos remédios tópicos, aqueles cuja ação se dá no local em que são aplicados. Alguns outros substantivos alemães têm essa terminação que pode induzir em erro de leitura; *Romantik* ("romantismo") e *Pädagogik* ("pedagogia") são dois exemplos.

* "Ideia": *Vorstellung* — nas versões estrangeiras consultadas: *idea*, *representación*, *rappresentazione* (com uma nota em que o tradutor dá o termo original e diz que o traduz às vezes assim, outras vezes por *idea*), *représentation*, idem, idem, *ideation*, *idea* (com uma nota em que Strachey lembra que o termo original é *Vorstellung*, "que cobre os termos ingleses *idea*, *image* e *presentation*"; mas não apenas eles, acrescentemos); ver a primeira nota do tradutor a este ensaio, p. 100.

* "Impulsos": *Triebregungen*; ver nota a "Os instintos e seus destinos", p. 78.

* "Representante ideativo": *Vorstellungsrepräsentanz* — nas versões estrangeiras consultadas: *representación ideológica*, *agencia representante-representación*, *rappresentanza ideativa*,

représentant-représentation, *représentant de la représentation*, *représentance de représentation*, *ideational presentation*, *ideational representative*. Talvez se possa usar igualmente "representante psíquico" no caso; preferindo-se "representação" para verter *Vorstellung*, deve-se usar "representante da representação".

** "Consciência de culpa inconsciente": *unbewußtes Schuldbewußtsein*.

1 A afetividade se exterioriza essencialmente em descarga motora (secretora, vaso-reguladora) para alteração (interna) do próprio corpo sem relação com o mundo externo; a motilidade, em ações destinadas à alteração do mundo externo.

* "Pós-repressão": *Nachdrängen*; ver nota sobre o termo em "A repressão", p. 86 acima.

* "Impulso de amor": *Liebesregung*, composto de *Liebe*, "amor", e *Regung*, "movimento, impulso"; nas versões consultadas: *impulso erótico*, *moción de amor*, *impulso amoroso*, *motion d'amour*, idem, *sollicitation d'amour*, *love-impulse*, idem.

* Convém lembrar que em alemão existe uma só palavra para medo e angústia, *Angst*. Assim, "medo de animal" é *Tierangst*, e "histeria de angústia", *Angsthysterie*.

* "Representante instintual": *Triebrepräsentanz*; nas versões consultadas: *representación del instinto*, *agencia representante de pulsion*, *rappresentanza pulsionale*, *représentant de la pulsion*, *représentance de pulsion*, *représentant de la pulsion*, *instinct-presentation*, *instinctual representative*.

* "Meta de desejo": *Wunschziel*; nas versões consultadas: *fin deseado*, *meta desiderativa*, *meta agognata* [ambicionada], *but de désir*, *but de souhait*, *but de désir*, *aim*, *wishful aim*. No segundo parágrafo da parte V, pouco adiante, aparece *Wunschregungen*, aqui vertido por "impulsos de desejo" e, nas versões consultadas, por: *impulsos de deseos*, *mociones de deseo*, *moti di desiderio*, *motions de désir*, *motions de souhait*, *sollicitations de désir*, *wish-impulses*, *wishful impulses*.

* Nessa frase, o termo original vertido por "dois processos" foi *Prozeß*, enquanto na expressão "processo psíquico primário" o termo alemão empregado foi *Vorgang*, que também possui o sentido menos técnico de "acontecimento, evento", aparentado que é ao verbo *vorgehen*, "ir para a frente, proceder, acontecer". Essa sutil distinção não parece estar presente nessa frase, mas caberia tê-la em mente em alguns outros lugares (como nos dois parágrafos seguintes, onde Freud também usa *Vorgang*).

2 Ver a discussão na parte VII da *Interpretação dos sonhos*, que se apoia em ideias desenvolvidas por J. Breuer em *Estudos sobre a histeria* [1895].

3 Deixamos para outro contexto a menção de uma outra importante prerrogativa do *Ics*.

* "Estado de coisas": *Sachverhalt* — um termo notoriamente problemático para os tradutores de alemão; os dicionários bilíngues oferecem: "estado das coisas, fatos; correlação; exposição

dos fatos; circunstâncias"; as versões consultadas trazem: *cuestión*, *relación de las cosas*, *stato di cose*, *état de choses*, idem, idem, *state of affairs*, idem.
[*] Provável referência a um dos ensaios perdidos — ou dispensados pelo próprio autor — da série sobre metapsicologia; cf. sua nota inicial a "Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos", neste volume.
[*] "Que o tornar-se consciente é restringido por determinadas direções de sua atenção": *daß das Bewußtwerden durch gewisse Richtungen seiner Aufmerksamkeit eingeschränkt ist* — nesta frase elíptica, o possessivo provavelmente se refere ao *Pcs*. Segundo Strachey, ela ficaria mais clara se pudéssemos relacioná-la ao texto perdido sobre a consciência.
[**] "Ser/estar consciente": *Bewußtheit* — nas versões consultadas: *ser consciente*, *condición de consciente*, *consapevolezza*, *le fait de la conscience*, *le fait d'être conscient*, *consciencialit*, *being conscious*, idem.
[*] Na edição dos *Gesammelte Werke se acha Vbw* (*Vorbewußt*, "pré-consciente", *Pcs*), mas na *Studienausgabe*, uma edição revista, os editores afirmam que no manuscrito conservado se lê *Ubw* (*Unbewußt*, "inconsciente", *Ics*). Uma nota da *Standard* inglesa — anterior à Studienausgabe — já dizia que era provavelmente um erro de impressão.
[*] "Operação": *Leistung*, mais um desses termos alemães que admitem vários sentidos, como se vê pelas traduções consultadas: *funciones*, *rendimiento*, *prestazioni*, *réalisations*, *action*, *opération*, *achievements*, *functioning*.
[*] "Frustração relativa ao objeto": *Versagung des Objekts* — nas versões estrangeiras consultadas, e omitindo aqui a palavra "objeto", que sempre se repete: *frustración con respecto al*, *denegación {frustración} del*, *frustrazione relativa all'*, *refus venant de*, *être frustré de*, *refusement de*, *frustration from the side of*, *frustration in regard to*.
[*] "Virador de olhos": versão literal de *Augenverdreher*; em português — no Brasil, pelo menos — diz-se que ele "virou a cabeça dela".
[*] Na última frase usa-se o verbo *verstellen*, "pôr no lugar errado", que também significa, figuradamente, e usado como reflexivo (*sich verstellen*), "fingir, enganar". Na declaração sobre o que a paciente sentiu na igreja, o verbo original é *stellen*, "pôr".
4 Ocasionalmente o trabalho do sonho trata as palavras como as coisas, e cria, então, falas ou neologismos "esquizofrênicos" muito semelhantes.
[*] "Encena": *abspielt* — nas versões consultadas: *hace desarrolarse*, *juega*, *sfoga*, *joue*, idem, idem, *is working out*, *is playing out*.
[*] "Desfazer": *ungeschehen machen* (literalmente "tornar não acontecido"); cf. *Inibição, sintoma e angústia* (1926), parte VI, onde é discutido o mecanismo do *ungeschehen machen*.

** "Percepção": *Einsicht* — nas traduções consultadas: *conclusión*, *intelección*, *scoperta*, *ce dont nous avons pris connaissance*, *idée*, *manière de voir*, *considerations*, *finding*. Percebe-se que o termo português é aqui usado num dos dois sentidos principais que lhe vêm do seu verbo cognato: o de "fazer ideia, compreender"; o outro é "tomar conhecimento através dos sentidos", em que o substantivo corresponde ao alemão *Wahrnehmung*, também presente no texto. Ver nota 67 do tradutor, em F. Nietzsche, *Além do bem e do mal* (São Paulo: Companhia das Letras, 1992).

* "Representação da palavra (ou verbal)/representação da coisa": *Wortvorstellung/Sachvorstellung*. A partir desse parágrafo utilizamos "representação" para *Vorstellung*, acompanhando as versões inglesa e italiana. Eis o que todas elas trazem: *imagen verbal/de la cosa*, *representación-palabra/representación-objeto* (seguidos dos termos alemães entre chaves), *rappresentazione della parola/rappresentazione della cosa*, *représentation de mot/représentation de chose*, idem, idem, *idea of the word (verbal idea)/idea of the thing (concrete idea)*, *presentation of the word/presentation of the thing*. Essa última versão, a da *Standard*, vem acompanhada de uma longa nota, assinalando que o termo até então traduzido por *idea* será vertido por *presentation* até o final do ensaio. Strachey também afirma que a diferenciação entre *Wortvorstellung* e *Sachvorstellung* remonta aos estudos de Freud sobre a afasia, e reproduz, em apêndice, o trecho pertinente do mais relevante desses estudos, *Zur Auffassung der Aphasien*, de 1891 (há edição portuguesa com o título *A interpretação das afasias*. Lisboa: Edições 70, s.d. O trecho reproduzido por Strachey se acha entre as pp. 66 e 73; a tradução foi feita do italiano, porém; na *Standard* brasileira, traduzida do inglês, como se sabe, acha-se no v. XIV).

* "Percepção": *Einsicht* — *conocimiento*, *intelección*, *cognizione*, *conception*, *idée*, *manière de voir*, *insight*, idem. Ver nota à p. 145.

* "Modo de funcionar": *Arbeitsweise* (literalmente "modo de trabalho") — nas versões estrangeiras consultadas: *labor mental*, *modalidad de trabajo*, *modo di pensare*, *mode de travail*, *façon dont opèrent*, *mode de travail*, *way of thinking*, *mode of operation*.